

SOBRE O PAPEL DAS IDENTIFICAÇÕES NA RELAÇÃO AMOROSA

Jacó Zaslavsky*, Porto Alegre
Manuel José Pires dos Santos*, Porto Alegre

Apresentamos, neste trabalho, um caso clínico que procura ilustrar sucintamente como entendemos que o papel das identificações com as primitivas relações objetais influencia no desenvolvimento do indivíduo, particularmente na relação com o objeto amoroso.

A partir de autores kleinianos, revisamos algumas idéias e conceitos na literatura psicanalítica.

Sugerimos que a inter-relação de fantasias, relações primitivas de objeto, identificação projetiva, ciúme, inveja, narcisismo, entre outros, são importantes ingredientes para o desenvolvimento e a compreensão da capacidade de amar. O conhecimento desses aspectos proporciona o entendimento de suas manifestações patológicas, representando um instrumento de grande utilidade em Psicanálise.

PEDAÇO DE MIM

Oh, pedaço de mim / Oh, metade afastada de mim / Leva o teu olhar / Que a saudade é o pior tormento / é pior do que o esquecimento / é pior do que se entrevar
Oh, pedaço de mim / Oh, metade exilada de mim / Leva os teus sinais / Que a saudade dói como um barco / Que aos poucos descreve um arco / E evita atracar no cais /
Oh, pedaço de mim / Oh, metade arrancada de mim / Leva o vulto teu / Que a saudade é o revés de um parto / A saudade é arrumar o quarto / Do filho que já morreu /
Oh, pedaço de mim / Oh, metade amputada de mim / Leva o que há de ti / Que a saudade dói latejada / é assim como uma fígada / No membro que já perdi
Oh, pedaço de mim / Oh, metade adorada de mim / Leva os olhos meus / Que a saudade é o pior castigo / E eu não quero levar comigo / A mortalha do amor / Adeus.

Letra da música de Chico Buarque de Holanda, da ópera do Malandro.

Para discutir algumas idéias a respeito do tema – o papel das identificações na relação amorosa – partiremos do resumo de um material clínico que julgamos adequado para exemplificar alguns aspectos nucleares desse tema. Posteriormente, faremos uma revisão sobre algumas contribuições ao estudo do papel das relações objetais nas relações amorosas. Nosso interesse por esse assunto surgiu basicamente em função de nossa experiência com pacientes, em tratamento analítico, que, em algum momento, manifestavam dificuldades nas relações amorosas. Queremos salientar que nossa compreensão não pretende esgotar ou excluir outras formas de entendimento, mas sim contribuir para o estudo do papel das identificações no amor e na paixão, a partir de determinado vértice.

Marta, em análise há três anos, está em seu segundo casamento. Está infeliz, pois o vê ruir sem nada conseguir fazer para impedir uma iminente separação. Seguidamente se vê dominando a relação, competindo com o marido, com a ex-mulher dele, com os pais e nutrindo fortes sentimentos de “ciúmes” em relação ao filho do casamento anterior de Nilson. Faz críticas constantes ao parceiro, desvalorizando-o e julgando-o, freqüentemente, um “fraco e panaca”. Marta sente-se vazia e empobrecida, pois nesses anos todos construiu uma vida material satisfatória que contrasta com uma vida afetiva pobre. Sente-se dividida e frustrada por não ter tido filhos, o que atribui a uma incapacidade para ser mãe. Sempre achou que os filhos atrapalhariam a vida do casal. Vê semelhanças entre o seu relacionamento e o de seus pais.

Em seu primeiro casamento, Marta percebia o quanto tentava dominar a relação, procurando satisfazer suas próprias vontades. Evitava contatos afetivos e momentos de excitação com o ex-marido. Quando ele resolveu separar-se dela, tentou reconquistá-lo, pensando em atraí-lo sexualmente como última alternativa, porém já era tarde demais. Após a separação sentiu-se perdida, mas, aos poucos, foi-se restabelecendo. Durante um ano teve alguns poucos relacionamentos, entre eles um namorado com características narcisistas. Sentia-se “bem melhor mantendo um relacionamento, principalmente do ponto de vista sexual, com alguém com quem não estivesse casada”.

A mãe de Marta é descrita como uma mulher do tipo intrusiva. Desde sua infância escutou sua mãe dizer que “Deus enxergava tudo o que fazia, nunca poderia esconder-lhe nada... e como a mãe sabia o que era melhor para ela”. Quando Marta ia dormir, imaginava um olho vigiando-a. Na sua visão, a mãe sempre foi “o homem do casal”. Era a mãe que saía para trabalhar, sustentava a casa e tomava as decisões. Poucos cuidados dedicava à casa, que na maior parte das vezes era administrada pelo pai ou pela avó paterna. Foi criada com a idéia de que “homem é apenas um acessório na vida de uma mulher... só chega para pegar os filhos depois que a mulher já fez todo o trabalho pior”. Chama a atenção de Marta o fato de sempre ter existido, nas casas onde morou, uma porta de comunicação entre o quarto dos pais, o seu quarto e o de sua irmã (4 anos mais jovem). Imagina que a vida sexual dos pais não devia ser satisfatória dentro desse contexto. Captava, através de atitudes e comentários da mãe, que uma vida sexual só poderia ser prazerosa fora do casamento. Na sua adolescência, sentia-se “uma panaca nas mãos da mãe”, pois fazia a maior parte das coisas que ela queria, como, por exemplo, evitar contato com homens, embora sentisse desejo. Temia perder o amor da mãe. Em várias ocasiões, preferia ficar perto dela do que sair com suas amigas. O pai é descrito como uma figura omissa, “um fraco nas mãos da mãe”. Marta se distanciou do pai, vendo-o com os olhos da mãe. Tinha medo de ter qualquer contato físico com o mesmo, chegando até à evitação.

Deixemos por uns instantes nossa aflita Marta com a promessa de que, no final, depois de algumas reflexões, retornaremos em seu socorro.

“A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo”. Assim inicia Freud (1921, p.133) o capítulo VII de seu trabalho intitulado “Psicologia de grupo e a análise do ego”. Dizia, naquela ocasião, que a identificação é ambivalente desde o

início e que ela poderia assumir tanto uma expressão de ternura como de hostilidade. Acrescentou que, em certos casos, a identificação aparecia no lugar da escolha de objeto e que, assim, a escolha regredia para a identificação com o objeto primitivo. Mais adiante, no capítulo VIII, Freud (1921, p.141) diz que “estar amando nada mais é que uma catexia de objeto por parte dos instintos sexuais com vistas a uma satisfação diretamente sexual...é o que se chama de amor sensual comum”. Quando ocorre um enamoramento excessivo, geralmente está associado a uma tendência que falsifica o julgamento, a qual denominou de idealização. Em certas circunstâncias, a devoção do ego ao objeto assume proporções incontroláveis em que “o objeto é colocado no lugar do ideal de ego”. (p.142)

Melanie Klein foi, depois de Freud, a autora que mais contribuiu ao estudo das relações objetais, dando continuidade e profundidade ao tema da escolha de objeto amoroso. Sabe-se a influência que teve, em sua obra, as idéias de Abraham (1924) descrevendo as fases da organização libidinal e do amor objetal.

Klein, em seus dois artigos de 1932, “Os efeitos das Primeiras Situações de Angústia sobre o Desenvolvimento Sexual da Menina e do Menino”, fala nas identificações com os pais como uma condição prévia para a escolha de objeto. Em condições normais de desenvolvimento “a menina acredita tanto na existência de um perigoso pênis introjetado, como de um pênis benéfico e protetor... ela combaterá seu medo do ‘mau’ pênis introjetado pela introjeção contínua de um bom pênis no coito; isso incentivará suas experiências sexuais” (p.265) na infância e na vida futura. Klein quer dizer, nesse trabalho, que a menina desloca as angústias primitivas e os temores de sua mãe para o pênis do pai. Se as circunstâncias forem desfavoráveis, com predomínio do “mau” pênis, criar-se-á uma condição necessária para que se estabeleça uma relação objetal que pode levar à escolha de um parceiro amoroso sádico. Essa escolha é um castigo pelas fantasias destrutivas internas. Portanto, para Klein, o masoquismo feminino está relacionado ao medo, por parte da mulher, de seus objetos internos perigosos.

No caso do menino, além dos temores que sente em conseqüência de sua rivalidade com a mãe, seu medo do perigoso pênis internalizado, criado por sua rivalidade com o pai, impede a manutenção de uma posição feminina, fazendo com que abandone a sua identificação com a mãe e consolide sua heterossexualidade.

Se a identificação maior for com o “mau” objeto, tanto a menina como o menino poderão ter uma escolha masoquista ou homossexual.

Em “Amor, ódio e Reparação” (1937), Klein diz que a Psicanálise revela a existência de motivações profundas e inconscientes que contribuem para a escolha de um parceiro amoroso e para a busca da satisfação sexual. Os sentimentos entre um homem e uma mulher são sempre influenciados pelas fantasias e ligações primitivas com os pais, ainda que a escolha do parceiro recaia sobre certas características de natureza totalmente oposta às da mãe ou do pai. São, em nosso entender, essas impressões primitivas que contribuem para tornar uma pessoa mais atraente do que outra.

Klein (1937, p.105) salienta que “a capacidade de identificação com outra pessoa é o elemento mais importante nos relacionamentos humanos em geral e condição para autênticos e fortes sentimentos de amor”. Estaremos capazes de sacrificar nossos próprios sentimentos e desejos e colocar em primeiro plano os interesses e emoções do parceiro, se tivermos a capacidade de nos identificarmos com a pessoa amada. A gratificação sexual proporciona ao homem e à mulher não apenas prazer, mas reassseguramento e apoio contra os temores e sentimentos de culpa resultantes dos primitivos desejos sádicos, estimulando fantasias de reparação.

Em uma personalidade bem desenvolvida algum amor pelos pais permanece, porém a ele é acrescentado o amor por outras pessoas e objetos. Não se trata, contudo, de uma simples extensão do amor, e sim, de uma difusão de emoções que vem aliviar a carga dos conflitos e do sentimento de culpa associados aos objetos primitivos amados e à dependência dos mesmos.

O primeiro objeto de amor e de ódio do bebê é a mãe, que é desejada e odiada com toda a intensidade e o vigor que caracterizam as necessidades primitivas da criança.

A identificação refere-se ao relacionamento com um objeto com base em semelhança percebida com o ego. é um fenômeno complexo que possui diversas formas. Num nível primitivo da fantasia, objetos que são semelhantes são encarados como sendo o mesmo, e essa forma onipotente de fantasia dá origem a uma confusão entre self e objeto.

Os objetos internos são fantasias que inicialmente são onipotentes, de tal forma que, através dessas fantasias primitivas envolvidas na identificação, o objeto é o self. Na posição esquizoparanóide existe pouca distinção entre fantasia e realidade. A fantasia constrói a realidade do mundo interno com base nessas formas primitivas de identificação introjetiva e projetiva.

De acordo com Hinshelwood (1991, p.193), “a identificação projetiva foi definida por Klein, em 1946, como sendo o protótipo do relacionamento objetal agressivo, representando um ataque anal a um objeto por forçar partes do self neste, a fim de apoderar-se de seus conteúdos ou controlá-lo, ocorrendo na posição esquizoparanóide a partir do nascimento”. Partes boas do self, segundo Klein, também são projetadas, levando à ampliação do ego e de boas relações de objeto, desde que o processo não seja levado a extremos. A fantasia é inconsciente e traz consigo uma crença de que certos aspectos do self se acham situados fora, ocasionando um conseqüente esvaziamento e empobrecimento do self e da identidade, podendo chegar ao ponto da despersonalização. Sentimentos profundos de estar perdido ou aprisionado podem dela resultar. Na fantasia, uma parte do self é escindida e projetada para dentro de um objeto com o qual é então identificado. Geralmente a parte escindida e projetada é atribuída ao objeto, isto é, o self é identificado com aquilo que permanece no ego, não projetado, e a parte projetada é identificada com o objeto. Em alguns casos, existe uma projeção maciça de partes nucleares do ego, ocorrendo uma identificação total com o objeto, de modo que o indivíduo passa a agir e sentir como se ele fosse o objeto, isto é, como se estivesse vivendo através de outra pessoa.

Klein (1955), em seu artigo “Sobre a identificação”, ilustra essa questão da identificação projetiva maciça através da novela francesa “Se eu fosse você”, em que o herói, Fabián, está insatisfeito consigo mesmo, sua falta de êxito com as mulheres, sua pobreza. Atribuía suas crenças religiosas às imposições de sua mãe, das quais não conseguia se libertar. Seu pai, que levava uma vida “alegre” com as mulheres e gastava o dinheiro em jogos, havia morrido de um ataque cardíaco, quando Fabián estava no período escolar. A essência dessa admirável narrativa constitui-se no mágico poder de converter-se em outras pessoas, que é conferido a Fabián mediante um pacto com o diabo, que o seduz com falsas promessas de felicidade. Fabián, mediante uma fórmula mágica, transforma-se em outras pessoas, a quem atribuía qualidades e poder intensamente invejados, com as quais passa a se sentir fusionado. Suas escolhas possuem uma íntima relação com as identificações primitivas parentais perdidas. Isso nos leva a pensar na questão da inveja, pois, como veremos mais adiante, via identificação projetiva, Fabián procura apoderar-se das capacidades admiradas no “bom” objeto.

Uma questão importante e de extrema utilidade clínica, salientada por Soares (1993) a partir das contribuições de Klein e Meltzer, é a necessidade de haver uma complementaridade, pois, se não houver receptividade por parte do objeto, no que se refere às identificações projetivas, não haverá nenhuma relação de amor ou de ódio. Se o analista, por exemplo, não é continente das identificações projetivas do paciente, não há processo analítico.

Em 1957, Klein sugeriu que a inveja se achava profundamente ligada à identificação projetiva, representando o ingresso forçado no interior de outra pessoa, com a finalidade de destruir suas melhores qualidades. Assim, a inveja espolia o objeto bom primário de sua bondade e, em consequência disso, o sentimento de separação torna-se intolerável. Para Klein, a fantasia de ingressar em um objeto "bom" e estragar seus conteúdos é muito prevalente. Essa fantasia constitui expressão primária da pulsão de morte, que, ao dirigir-se no sentido do objeto "bom", confunde objetos "bons" e "maus". Daí decorre a necessidade fundamental e imediata de tentar manter separados os objetos "bons" e os "maus".

O conceito de identificação projetiva potencializou a importância do conceito de cisão (splitting). Devido às cisões e identificações projetivas que as acompanham, diferentes partes da personalidade, e até mesmo funções psíquicas, são dissociadas do self. Como é possível promover a reintegração dessas partes perdidas?

Os processos de cisão e identificação projetiva ligados à inveja espoliam a capacidade de buscar prazer e de amar. O sentimento de gratidão, derivado da capacidade de amar, tem papel essencial na construção da relação com o objeto bom e, juntamente com o prazer, mitiga os impulsos destrutivos, a inveja e a voracidade.

Klein (1946) procura fazer uma distinção entre estados narcísicos e relações de objeto narcísicas. Estados narcísicos referem-se a uma retirada de investimento do mundo externo para uma relação idealizada com o objeto bom internalizado. Esses estados podem ser passageiros e relativamente benignos, como pensamos que ocorre, por exemplo, no enamoramento inicial. Relações de objeto narcísicas caracterizam uma relação de objeto mais permanente, baseada no mecanismo de identificação projetiva.

Partindo das idéias de Freud e das poucas referências sobre a compreensão do fenômeno do narcisismo na obra de Klein e de sua importante contribuição no papel da inveja nas relações objetais, Rosenfeld (1964, 1972) aprofunda o estudo do narcisismo e da inveja a partir da noção de identificação projetiva e cisão, trazendo significativas contribuições ao tema.

Rosenfeld sugere que as relações objetais narcísicas são defesas contra qualquer reconhecimento da existência de uma separação entre self e objeto. O reconhecimento da separação levaria a sentimentos de dependência do objeto e também à ansiedade, pois, ao reconhecer que o objeto tem algo de bom, a inveja é estimulada, produzindo sentimentos hostis. Dessa forma, Rosenfeld descreve uma de suas descobertas mais originais, qual seja, de que o narcisismo é uma forma de defesa contra a inveja. Segal (1983), posteriormente, reafirma essa concepção, dizendo que narcisismo e inveja são duas faces da mesma moeda.

Como bem salienta Rosenfeld (1971, 1972), sob influência da cisão e identificação projetiva, forma-se, em certas situações, uma organização narcísica estável com objetos internos maus e partes destrutivas do self. Esses objetos se tornam idealizados pela parte libidinal e dependente do self, com a função de obter proteção frente ao sofrimento psíquico experimentado diante da frustração ou da inveja na relação com o objeto amoroso. A idealização do self é mantida por identificações projetivas e introjetivas onipotentes com objetos bons. Desse modo, o parceiro narcísico, na relação amorosa, sente que tudo o que é valioso, relacionado a objetos externos e ao mundo exterior, faz parte dele ou é onipotentemente incorporado e controlado por ele. Da mesma forma, quando consideramos o narcisismo a partir do aspecto destrutivo, percebemos que, novamente, a idealização do self ocupa um papel central, só que, nesse caso, ocorre a idealização das partes destrutivas onipotentes do self.

Steiner (1981, 1987) chamou de "organizações patológicas" um complexo sistema de conluios, rigidamente constituídos, que se estabelecem entre partes do self com o objetivo de proteger o indivíduo do caos psicótico.

Meltzer & Williams (1990), num interessante estudo chamado "A Apreensão da Beleza", abordam o papel do conflito estético no desenvolvimento do indivíduo. De acordo com eles, a idealização da superfície do corpo da mãe adquire uma função defensiva contra a projeção de fantasias agressivas para o seu interior. Esse amor pela imagem idealizada da mãe é o resultado das introjeções e identificações com a mesma e uma expressão das primitivas gratificações sensuais. Essa contribuição reforça os pontos de vista de outros autores e também o nosso, de que as primitivas identificações projetivas e introjetivas com a mãe constituem elementos nucleares para o desenvolvimento da capacidade de amar.

A identificação projetiva influencia profundamente a formação do caráter, o senso de identidade, a capacidade de formação de símbolos, a visão de mundo, a formação de conceitos e o afeto.

Em seu trabalho "O Claustro", Meltzer (1992) descreve um tipo particular de identificação projetiva intrusiva em que partes do self ficam aprisionadas. O bebê, mediante poderosas fantasias primitivas, procura se alojar no interior do seio ou reto materno, procurando conhecer e se apoderar dos seus conteúdos, especialmente sua mente, evitando experimentar uma diferenciação e separação da mesma. Meltzer destaca a importância desse tipo de identificação na estruturação de certos tipos caracterológicos, rigidamente constituídos, como por exemplo o Claustrofóbico, que na vida adulta, experimentam sérias dificuldades em consolidar uma identidade e estabelecer relações afetivas satisfatórias.

Os autores revisados, ao falarem das relações amorosas, não fazem referência direta à diferença entre o amor e a paixão. Entretanto acreditamos que, na paixão, haveria uma predominância de mecanismos esquizóides como cisão, identificação projetiva, negação, onipotência e, principalmente, idealização. O amor esquizóide esvazia e é carregado de inveja, não levando em conta a realidade do objeto. Em contraste, o amor maduro é o da posição depressiva, amor pelo objeto total não idealizado, pelo objeto bom que também tem defeitos e falhas. O amor na posição depressiva, como destaca Hinshelwood (1991, p.229), "tende a não mudar de modo tão violento para o ódio, e um certo grau de estabilidade afetiva se desenvolve, além de tolerância e perdão". De acordo com esse autor, existe interesse e preocupação pelo objeto, aumento da percepção da realidade, havendo uma predominância de identificações introjetivas. O amor maduro não é um estado que, uma vez atingido pelo indivíduo, permanece cristalizado e sem oscilações. Entendemos que, no amor maduro, ocorre uma alternância de posições, uma verdadeira mescla desses mecanismos (das posições esquizoparanóide e depressiva), em que a pessoa pode se apaixonar várias vezes pelo outro.

Mas já é hora de voltarmos ao encontro de Marta que mencionamos no início do trabalho.

Marta apresenta, em seu funcionamento, um modelo autoritário e intrusivo. O modelo de relação de casal que tem dentro de sua mente é pautado por um interjogo de comandos, no qual um dos componentes comanda e o outro é comandado, alternando-se sucessivamente. É assim que se relaciona com seus parceiros. Diz: "ele é um panaca... tem que fazer isso e aquilo como eu determino". Entendemos que Marta funciona por identificação projetiva com Nilson, tenta colocar dentro dele aquelas partes do seu self que não pode tolerar. Dito de outra forma, Marta sente-se submetida ao "olho da mãe" (Deus). Vê o mundo, os homens e as mulheres pelo "olho da mãe". Não pode tolerar essa parte submetida dentro de si, projetando-a para o interior de Nilson e identificando-se com o mesmo (fraco e panaca). Na relação, Nilson fica castrado como ela se sente nas mãos da mãe e, ao mesmo tempo, identificado com um pai desvalorizado e submetido à mãe. Marta fica no papel da mãe, mostrando como Nilson deve ver as coisas pelo olho da mãe-Marta. Nessas circunstâncias, Marta fica castrada como mulher, pois está identificada com uma mãe do tipo intrusivo e fálico. Ela se apodera, na fantasia, do "pênis" de Nilson como pensava que a mãe fazia com o pai, para negar qualquer dependência e sentimentos invejosos na relação. Esse é um aspecto destrutivo do seu narcisismo que ataca a vida e a capacidade de gerar bebês, posto que alimenta, onipotentemente, a idéia de que contém os dois sexos dentro de si. Na sua fantasia, o prazer sexual está fora do casamento. Repete assim, o modelo que tem da relação dos pais, em que o homem não entra – "é um acessório". Fica evidente a confusão de papéis (resultante das identificações com os objetos primitivos) que existe na sua mente e como isso se reproduz nas relações com os dois parceiros. Na relação com o primeiro marido, seu último recurso foi vestir-se de mulher, numa tentativa de reverter os papéis no casamento.

Dois sonhos de Marta ilustram o entendimento e complementam o que foi exposto: "Tive um sonho há uns tempos atrás justamente quando ganhei minha gatinha, do qual me lembro até hoje. Ela era pequena e chorava muito. Ela dormia na cama com a gente nos primeiros dias. Mas eu não dormia direito porque tinha medo de me mexer à noite e esmagá-la. Despertei chorando porque, no sonho, eu tinha colocado a gatinha numa caixinha, tinha esquecido dela fechada e ela morreu asfíxiada". Nesse sonho fica evidente como Marta está identificada projetivamente com sua gatinha dentro da caixa asfíxiante. Expressa, através da gatinha, sentimentos de estar afetivamente esmagada, enclausurada e morta como mulher dentro da mãe. O aprisionamento de Marta no interior da mãe nos parece se aproximar da descrição feita por Meltzer em seu trabalho sobre "A vida no Claustro". Esse é um tipo particular de identificação projetiva em que a pessoa fica enclausurada no interior do objeto, evitando experimentar sentimentos de diferenciação e separação do mesmo. Em decorrência da identificação projetiva maciça, Marta sente-se empobrecida, esvaziada e com sua capacidade de amar comprometida.

Mais adiante relata o seguinte: "acordei de um sonho em que eu estava numa sala de dança com espelhos e a professora me dizia que com o cabelo solto não dava para dançar... tinha que prender. Eu fui atrás dela imaginando que ela iria prender o cabelo e pegou uma tesoura e cortou o meu cabelo na nuca. Eu me acordei muito angustiada e pensei que a castrada era eu. A professora tinha um jeito de homem. Pensei sobre a confusão dos papéis que eu faço na minha cabeça". Nesse sonho podemos entender dois aspectos anteriormente citados. Primeiro, é a fantasia que mantém de que, indo atrás das idéias da mãe (professora-analista), vendo os homens pelo olho da mãe, não precisaria se separar dela, nem invejá-la e as duas formariam uma dupla narcísica imbatível (como referiu noutro momento da análise). O segundo aspecto é o de que ficou castrada como mulher, representado pelos "cabelos cortados na nuca". Pode-se observar, portanto, através do modelo de identificação, uma confusão de identidade e de papéis na relação amorosa.

Exemplificamos, com este caso, como as identificações e os sentimentos decorrentes das primitivas relações objetais influenciam a relação amorosa na idade adulta, bem como suas múltiplas combinações na mente do paciente se expressam na prática analítica.

Summary

In this paper, we present a clinical report in order to show briefly the way we understand the influence of identification with its primitive object relations on personal development, especially regarding love object relation.

Some concepts and ideas about identification and love relations, particularly from kleinian authors, were reviewed in literature.

We believe that the interrelationship of fantasies, primitive object relations, projective identification, jealousy, envy, narcissism, among others are important ingredients for the development and comprehension of the capacity for love. Knowledge of these aspects provides the understanding of its pathological manifestations and constitutes a very useful tool in Psychoanalysis.

Referências

- BION, W. (1959). Ataques ao elo de ligação. In: SPILLIUS, E. B. Melanie Klein Hoje. Rio de Janeiro: Imago, 1991. v.1
- FREUD, S. (1921). Psicologia de grupo e a análise do ego. S.E. Rio de Janeiro: Imago. v.18: p. 133-147.
- GRINBERG, L. (1985). Teoría de la Identificación. Madrid: Tecnipublicaciones.
- HINSHELWOOD, R.D. (1991). Dicionário do Pensamento Kleiniano. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- KLEIN, M. (1932a). Os Efeitos das Primeiras Situações de Angústia Sobre o Desenvolvimento Sexual da Menina In: Psicanálise de Criança. São Paulo: Mestre Jou, 1969.
- _____ (1932b). Os Efeitos das Primeiras Situações de Angústia Sobre o Desenvolvimento Sexual do Menino In: Psicanálise de Criança. São Paulo: Mestre Jou, 1969.
- _____ (1937). Amor, ódio e Reparação. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- _____ (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides In: Melanie Klein: obras completas. Buenos Aires: Paidós, 1979.
- _____ (1955). Sobre la identificación In: Melanie Klein: Obras Completas. Buenos Aires: Paidós, 1979. v. 4
- _____ (1957). Inveja e Gratidão. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- LIBERMAN, D. (1956). Identificación Projectiva y Conflicto Matrimonial. Rev. de Psicoanálisis, v.13, p. 1-20.
- MELTZER, D. (1966). A masturbação anal e sua relação com a identificação projetiva. In: SPILLIUS, E. B. Melanie Klein Hoje. Rio de Janeiro: Imago, 1991. v. 1
- _____ (1992). The Claustro. Worcester. The Clunie Press.
- MELTZER, D. & WILLIAMS, M.H. (1990). La Aprehensión de la Belleza. Buenos Aires: Spatia.
- ROSENFELD, H. (1964). Da psicopatologia do narcisismo: uma aproximação clínica. In: Os estados psicóticos. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- _____ (1971). Uma abordagem clínica à teoria psicanalítica das pulsões de vida e de morte: uma investigação dos aspectos agressivos do Narcisismo. In: BARROS, E.M.R. Melanie Klein: evoluções. São Paulo: Escuta, 1989.
- _____ (1972). Introdução à discussão sobre "Uma abordagem clínica à teoria psicanalítica das pulsões de vida e morte". In: BARROS, E.M.R. Melanie Klein: evoluções. São Paulo: Escuta, 1989.
- SEGAL, H. (1983). Some clinical implications of Melanie Klein's work. Int.J.Psychoanal., v. 64, p. 269-76.
- SOARES, P. F. B. (1993). A escolha de objeto na obra de Freud: Um estudo teórico-clínico. Datilografado.

STEINER, J. (1981). Relações perversas entre partes do self: Um exemplo clínico. In: BARROS, E.M.R. Melanie Klein: evoluções. São Paulo: Escuta, 1989.

_____ (1987). Interacción entre las organizaciones patológicas y las posiciones esquizo-paranóide y depresiva. Libro Anual de Psicoanálisis, 1987.

Jacó Zaslavsky

Av. Taquara, 572 cj. 301

90460-210 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA

* Candidatos do Instituto de Psicanálise da SPPA.

[| Voltar ao Topo |](#)

[| Voltar ao Sumário |](#)